

Entre salões e banquetes: vivências intercontinentais de diplomacia feminina (1850 - 1917)

Melissa Vicente¹

Resumo: A proposta deste artigo consiste em apresentar um estudo preliminar acerca da importância dos banquetes, jantares e recepções como cenário de atuação diplomática feminina não oficial, revelando o intercâmbio entre a Europa e as Américas, no século XIX e início do XX. Foram analisados tanto autores que se dedicaram a investigar a cultura dos salões quanto os que buscaram estabelecer uma aproximação entre a experiência de diplomacia e os perfis femininos que ali atuaram. A metodologia da pesquisa qualitativa e bibliográfica, aliada à investigação em fontes primárias e periódicas, permitiu levantar e analisar notícias sobre essas reuniões, bem como publicações autobiográficas de duas embaixatrizes dos Estados Unidos: Edith O'Shaughnessy e Madame Hegermann-Lindencrone. Por fim, constatou-se que a participação feminina na esfera pública se encontra nas entrelinhas da história, nos bastidores da arte da diplomacia, com o intuito de estreitar laços ideológicos, aproximar Estados e promover o intercâmbio cultural entre nações.

Palavras-chave: diplomacia feminina; história cultural diplomática; banquetes políticos.

Between salons and banquets: intercontinental experiences of female diplomacy (1850 - 1917)

Abstract: This article aims to present a preliminary study on the importance of banquets, dinners, and receptions as a setting for unofficial female diplomatic activity, revealing the exchange between Europe and the Americas in the 19th and early 20th centuries. We analyzed authors who dedicated both to investigating the culture of the salons and to establish a rapprochement between the experience of diplomacy and the female profiles who worked there. The methodology of qualitative and bibliographical research, combined with research into primary and periodical sources, allowed us to collect and analyze news about these meetings, as well as the autobiographical publications of two US ambassadors: Edith O'Shaughnessy and Madame Hegermann-Lindencrone. Finally, we learned that women's participation in the public sphere can be found between the lines of history, behind the scenes of the art of diplomacy, aiming to strengthen ideological ties, bringing states closer together and promoting cultural exchange between nations.

Keywords: women's diplomacy; diplomatic cultural history; political banquets.

Artigo recebido em: 27/02/2024

Artigo aprovado em: 29/04/2024

¹ Doutoranda em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC - FGV), mestre em Educação (2008) e graduada em História (2000) pela Universidade Católica de Santos. Professora nos cursos de História, Relações Internacionais e Pedagogia da Universidade Católica de Santos. E-mail: melmscaputo@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6456-0133>

Embaixatriz ou embaixadora? Uma questão de conceito

Madame de Hegermann-Lindencrone (1844–1928) definira na abertura de sua obra “O lado ensolarado da vida diplomática” (tradução livre) que o conceito de ‘embaixador’ (*ambassador*) – primeiro verbete de seu “alfabeto de um diplomata” – corresponderia a “um homem, um pouco abaixo de Deus” (1914, p. 9). Nascida Lillie Greenough em Cambridge, Massachusetts (EUA), foi uma cantora e, mais tarde, esposa em segundas núpcias de M. Johan de Hegermann-Lindencrone, diplomata dinamarquês. A sagacidade e a ironia contidas nessa pequena descrição refletem a crítica de uma embaixatriz a um contexto patriarcal que é reproduzido na literatura tradicional de uma história da diplomacia positivista, a qual vem sendo revisitada e transformada, propondo a investigação de outros personagens e suas atuações no campo das relações internacionais.

É, portanto, consideravelmente oportuna a afirmação da pesquisadora Dana Cooper de que “geralmente, embaixadores são homens, designados por homens, para negociar com homens e para assinar seus nomes em algum documento oficial ao lado dos nomes de outros homens”. E Cooper ainda vai além, apontando que a invisibilidade das mulheres na diplomacia pode ser demonstrada pela ausência de uma flexão de gênero na língua inglesa, caso precisasse de uma designação feminina para *ambassador*, estranhando a sonoridade sugestiva de uma imaginária *ambassadorette* (2006, p. 27).

A língua portuguesa dispõe de uma gramática mais acolhedora, conforme o dicionário brasileiro Michaelis, oferecendo duas possibilidades de flexão para o gênero feminino: embaixatriz, que se refere à esposa do embaixador, e embaixadora, para se denominar aquela que desempenha a função de diplomata. No entanto, qual designação ou conceito daria conta de representar, na transição do século XIX para o XX, as mulheres que, por força do casamento, desempenharam papéis fundamentais em missões e compromissos solenes, que rogavam habilidades e saberes específicos de um plenipotenciário internacional? O título de embaixatriz seria o suficiente para sustentar as experiências diplomáticas vividas por essas mulheres ao longo da história?

Em uma tentativa de responder satisfatoriamente a esses questionamentos, faz-se necessário recorrer à abordagem teórica da nova história cultural da diplomacia e suas possibilidades de deslocamentos de pontos de vista, conforme explica a historiadora Emily Rosenberg: “para percorrer as fronteiras, é preciso analisar os sistemas de poder a partir de uma perspectiva periférica” (1990, p. 568). Dialogando com Rosenberg, observa-se o chamado para uma nova agenda de pesquisas que inclua gênero e diplomacia a partir das pesquisadoras Karin Aggestam e Ann Towns (2019), que destacam a problemática da super-representação masculina nos campos da diplomacia e sua história, em detrimento de um olhar para os papéis femininos e de outros gêneros. Tal perspectiva permite incluir novos sujeitos históricos, outras redes de sociabilidade, analisar fontes documentais para além do viés positivista – ao mesmo tempo em que se tecem conceitos inéditos, como a categoria proposta por Paula Bruno:

la noción de “embajadoras culturales” para dar cuenta del rol que estas mujeres ejercieron en tanto “hijas” de sus países en otros territorios: oficiaron como articuladoras de relaciones y lazos de afinidad en el mundo diplomático; fueron percibidas como figuras con potencial para mediar en la esfera política; generaron imágenes, información y novedades que circularon en distintos escenarios a escala transnacional. A la vez, en otras latitudes se las consideró mujeres públicas y representantes de intereses y valores de sus naciones. (2022, p. 15)

Cumprir destacar que os perfis dessas embaixatrizes são pertencentes, regra geral, ao mesmo grupo social: mulheres letradas, oriundas de famílias aristocráticas e/ou abastadas, que tiveram acesso à educação formal, ao aprendizado das práticas de etiqueta cortesã e que acumularam significativo repertório cultural, frequentando os mais ilustres salões da Europa. Todos esses recursos compunham um capital simbólico para que essas jovens pudessem se posicionar socialmente e servir de transmissoras das práticas cotidianas da elite das grandes capitais europeias para a periferia do sistema internacional. Desse modo, as redes de sociabilidade e as práticas sociais vinculadas à realização de salões literários e à casa do diplomata constituíram, assim, uma via de aproximação junto às rotinas sociais cosmopolitas (FARIAS, 2019).

A partir desse recorte, é possível estabelecer um limiar de transição na atuação dessas mulheres: ora em âmbito doméstico e privado (recepcionando autoridades, oferecendo banquetes, dentre outros), ora em atividades públicas, como viagens e missões oficiais acompanhando os respectivos maridos. Em outras palavras, essas mulheres ensaiavam os

primeiros passos de uma aproximação do exercício da cidadania e da diplomacia, ao mesmo tempo em que respeitavam sua função social determinada pela hierarquização entre os sexos, apontada por Michelle Perrot: “A distinção do público e do privado é, ao mesmo tempo, uma forma de governabilidade e de racionalização da sociedade no século XIX. [...] Aos homens, o público, cujo centro é a política. Às mulheres, o privado, cujo coração é formado pelo doméstico e a casa” (2005, p. 459). Ainda, “o lugar das mulheres no espaço público sempre foi problemático” (1998, p. 8), pois ameaçava a ordenação social e fatalmente implicaria a decadência da família, a grande mediadora entre indivíduo, sociedade civil e Estado, de acordo com Hegel (1821).

De todo modo, é inegável a contribuição de uma boa esposa para compor e elevar o capital social de um diplomata em ascensão de carreira. O rol de atribuições dessas embaixatrizes compõe peças-chave do jogo de relações diplomáticas, conforme aponta Molly M. Wood (2015), ao estudar as esposas dos servidores da Secretaria de Estado norte-americano no início do século XX:

Wives were expected to contribute positively to their husband’s career position, but they were also expected to stay in the background. They were not supposed to take credit for their contributions to the operation of diplomacy. Although they held no official or paid positions in the Foreign Service, wives of American diplomats organized and managed social functions, packed and unpacked households, hired and fired servants, met new people, threw lavish dinner parties, volunteered in the local community, and learned new languages, customs, and rules of protocol all over the world. An efficient and popular wife, one who entertained successfully and maintained an elegant home, would undoubtedly help her husband earn promotion in the service. She would of course share in the benefits of that promotion. Foreign Service wives, like military wives, assumed and shared their husbands’ status or rank in the professional hierarchy. (p. 2)

Seja como for, tais embaixatrizes originaram um comportamento inovador, ao mesmo tempo em que não rompiam bruscamente com os padrões estabelecidos para uma dama da época. Conforme destacou Bruno,

para estudiar trayectorias femeninas en este contexto destaca el de “damas –o señoras– diplomáticas”, propuesto para abordar a algunas mujeres norteamericanas de las agentes del servicio exterior, dado que respondían a ciertas actitudes, conocían los protocolos y no improvisaban sus roles de anfitrionas y organizadoras de cenas y fiestas. A su vez, entablaban relaciones con otras mujeres de diplomáticos y eran mediadoras de relaciones entre funcionarios de distintas geografías. (2022, p. 12)

Os salões adquiriram um aspecto mais político a partir do século XVIII e, pela arte da conversação, era possível fazer a informação circular. “As mulheres ocupam aí um lugar importante, não em igualdade com os homens [...] mas sim como donas de casa informadas, ouvintes atentas e curiosas, que discutem sobre tudo.” (PERROT, 2008, p. 60) Já no século XIX, reuniões e jantares de caráter político e privado fizeram parte da cultura da diplomacia, concedendo às embaixatrizes e familiares mais próximos do enviado internacional, um papel de maior destaque.

Nesse sentido, este estudo será dividido em duas seções, sendo a primeira dedicada à análise da relevância desses eventos embasada pelo aporte teórico de Peter Brett (1996), que investigou, do ponto de vista da história cultural, o funcionamento dos banquetes e jantares políticos na Inglaterra, propondo a sobreposição dessa literatura com outras fontes, no exercício de empreender uma conexão com as mesmas práticas na Inglaterra (Europa), nos Estados Unidos e na América do Sul.

Já na segunda seção deste artigo, procurou-se evidenciar a participação feminina exercendo a diplomacia não oficial nas recepções, banquetes e encontros sociais. Os relatos pessoais em correspondências de duas embaixatrizes estadunidenses — Madame Hegermann-Lindencrone e Edith O’Shaughnessy, que viveram na virada do século XIX para o XX, — e foram publicados apenas em língua inglesa, foram selecionados para ratificar a presença ativa das mulheres nesses eventos políticos.

2. Experiências diplomáticas: banquetes e recepções

A correspondência das embaixadoras, bem como o registro de diários e as notícias dos jornais dos séculos XIX e início do XX, permitiu mapear a presença de mulheres nos bastidores da política e da diplomacia. Se antes tais fontes serviam de referência para estudos voltados ao gênero epistolar e à história do cotidiano e das mentalidades, sob a luz da nova história cultural da diplomacia, elas podem esclarecer dinâmicas importantes entre os agentes de negociação e atores do campo de tomadas de decisão no âmbito das relações internacionais. Esse movimento do sistema macro para o micro pode ser justificado

principalmente pela aproximação do espaço de trabalho (enquanto esfera pública) do âmbito doméstico (enquanto esfera privada).

A presença feminina na diplomacia desenrolava-se principalmente no âmbito da residência do diplomata. Hoje, há grande distância social e espacial entre o mundo do trabalho e o mundo da família. No passado, porém, o domicílio do diplomata era espaço preferencial de exercício diplomático. Isso envolvia eventos – recepções, jantares e encontros – e, naturalmente, a própria secretaria da missão. É nesse contexto que se observa a ação cotidiana da mulher na diplomacia. (FARIAS, 2019, p. 22)

Isto posto, o papel das embaixatrizes envolvia não somente a organização dessas recepções, mas também o preparo dos menus, a decoração dos ambientes e o cuidado com a lista de convidados. De acordo com Vânia Carvalho, “a atuação das mulheres era crucial para assegurar os altos padrões estéticos das moradias e delas dependia em grande parte o prestígio de seus maridos, já que o espaço doméstico tornara-se vitrine, não apenas da dona da casa, mas de toda a família, como ressalta a literatura sobre etiqueta e comportamento” (2008, p. 275-276). Desse modo, não é impossível imaginar uma atuação feminina de “bastidor” na elaboração e organização de banquetes e *meetings* políticos como uma forma de exercício de diplomacia.

2.1. Jantares e festins – o “*savoir-vivre de la politique*”

Banquetes, jantares e recepções sempre foram o motor principal das sociedades civilizadas, um demonstrativo da boa conversa e promotor do bom humor em torno da mesa, além de possibilitar alianças políticas, acordos diplomáticos e estabelecimentos de contratos de negócios. Os brindes e discursos em jantares ou almoços em torno de figurões relevantes para o cenário regional ou internacional poderiam garantir o sucesso do evento (BORREGO e ABRAHÃO, 2019).

Nesse sentido, a imprensa tratava de anunciar em seus periódicos os jantares e *meetings* com algumas semanas de antecedência, fosse o evento público ou privado, entendendo-se aqui o ‘público’ não no sentido de ser aberto a todos, mas como um ponto de encontro da elite

masculina da região, para o qual artesãos, comerciantes, mulheres, a classe trabalhadora, enfim, providenciavam uma audiência espectadora. Conforme afirma Peter Brett,

In other words, 'public' here tended to have limited reference to propertied men. Public politics at this time, of course, was not considered to be a suitable realm for women, although some leading politicians would almost certainly have preferred to have had their wives seated alongside them or resented leaving them at home. (1996, p. 530)

Os periódicos, além de anunciarem a antecedência dos banquetes, também davam conta de noticiar o pós-evento, tecendo elogios ou críticas, a depender dos convivas e da linha editorial do jornal.

O brinde, geralmente precedido por uma saudação ou loa, era o ponto alto do banquete, sendo pensados e relacionados já durante sua organização. Era também a ocasião de exercitar a eloquência e a retórica de glorificação dos virtuosos homenageados. Uma palavra ou expressão malconduzida poderia ocasionar uma cincada política e, talvez, comprometer acordos e arranjos premeditados. Poderiam inclusive despertar sensíveis divergências entre grupos políticos opositores. Conforme destaca Brett,

A predictable by-product of all the drinking which took place (and there were often more than forty toasts in the course of an evening) was that individuals would become distinctly loquacious, and things were probably said that were regretted the following day. (1996, p. 536)

O autor segue descrevendo inúmeras inconveniências durante os jantares políticos do Reino Unido do século XIX que envolveram cavalheiros e sua falta de decoro, ofensas à realeza e “comportamentos de bordel”.

A preocupação com o exagero étílico nos banquetes tinha sua razão de ser, conforme dados levantados pela pesquisa de Peter Brett. Curiosamente, uma nota de falecimento da Sra. Lucy Hayes (1831-1889), primeira-dama dos Estados Unidos, na Imprensa Ytuana de 13 de outubro de 1889, destaca sua influência na abstinência dos jantares da Casa Branca em seus banquetes.

Fallecimento – O correspondente da Gazeta da Tarde da Bahia, escreveu dos Estados Unidos o seguinte: “Falleceu ha dias a virtuosa esposa do ex-presidente Hayes, que ora uma senhora de rara força de character. Oppunha-se ella, por exemplo, ao uso das bebidas alcoólicas; para ella o vinho não era apenas a origem da terrível intemperança que tanto desgraça milhares de

famílias nos países anglosaxões: considerava o álcool não só um crime social, mas um peccado, e a Sra. Hayes presidente o marido, e tendo de dar um banquete de estilo ao corpo diplomático, propoz ella que se abolisse delle o vinho. O ministro Evarts, que é homem do mundo e nunca se abalou muito com que é «peccado», protestou energicamente, succedendo que não se deu o banquete então, nem se deu outro qualquer, durante o quadriênio de Hayes, ficando estes festins substituídos por outros, ainda mais dispendiosos do que os jantares. Mas a Sra. Hayes com todos os seus preconceitos e puritanismo, era muito attrahente pela sinceridade de suas convicções e suavidade de suas maneiras. Sua morte aos 52 annos de idade, é muito lamentada.”

Fato é que, com a proibição de servir bebidas alcoólicas na Casa Branca, a primeira-dama ganhou notoriedade no movimento temperança, uma verdadeira cruzada contra bebidas alcoólicas, com diversas organizações difusas pelos Estados Unidos, cuja reverberação no Brasil se deu no interior dos diversos ramos evangélicos, como presbiterianos, metodistas, batistas, episcopais e congregacionalistas.

Cumprê destacar que a primeira-dama estadunidense teve uma educação esmerada e abraçou o papel que se esperava de uma mulher em meados do século XIX: que zelasse pelos seus filhos e servisse de exemplo de esposa e mãe para as demais. Tal qual os cuidados com o lar e os saberes do âmbito doméstico eram competências associadas à natureza feminina, as regras do bem receber, do cerimonial de jantares e banquetes também estavam relacionados à boa educação das jovens de classe média e da elite, que estavam se preparando para casamentos com homens de grande vulto social e político, no qual poderiam exercer a função de embaixatrizes, consulesas, primeiras-damas e, no caso brasileiro, adquirir títulos nobiliárquicos. É o que comprova a literatura nacional por meio da obra “Livro das Noivas” (publicado pela primeira vez em 1896), da escritora brasileira Júlia Lopes de Almeida, cujo índice geral demonstra durante dez páginas como administrar os afazeres do lar, bem “como deve ser posta a mesa”, além de um sem-número de receitas que perpassam entradas, saladas, carnes e sobremesas.

Os jantares oferecidos para homenagear figurões tinham seus detalhes pensados e organizados para triunfar. Desde os centros de mesa, os lugares marcados dos convivas, os cardápios impressos e as iguarias oferecidas procuravam fazer jus ao tema do evento e do

convidado especial. Os requintes dos banquetes diplomáticos rendiam artigos e notas nas colunas sociais dos periódicos de circulação nacional e internacional.

É possível notar que o momento das homenagens e do tilintar das taças carregava consigo não apenas o ponto alto e mais aguardado do cerimonial do banquete, como também uma carga simbólica, envolvendo a escolha do convidado que fará o elogio ao ilustre conviva. Observa-se, nas notas de periódicos, certa preocupação com a ordenação dos brindes (caso houvesse mais do que um), sendo que, muitas vezes, há uma espécie de hierarquia para saudar o homenageado: o vice-presidente quem cumprimenta o presidente, um ex-ocupante de determinado cargo político felicitando o atual etc.

Entretanto, cumpre destacar que as resenhas sobre os jantares nos jornais da época não tratavam apenas do requinte e do glamour das recepções. Havia quem criticasse os altos custos de tais festividades, muitas vezes ofertadas com erário público e, ainda que tornadas públicas, não eram abertas à população em geral, ou seja, estavam restritas a um grupo privilegiado da sociedade. Frequentadoras dessas festividades e dos salões das elites, as “embaixadoras culturais”, para citar a categoria de Bruno (2022), que abordaremos a seguir foram selecionadas e mapeadas com base na disponibilidade de pesquisa em fontes primárias e secundárias. Em se tratando de uma nova perspectiva de categoria de análise, as probabilidades de levantamento de outros perfis femininos se multiplicam, podendo se consagrar num campo singular de investigação na nova história diplomática.

3. “O lado ensolarado da vida diplomática”

Escrever a história de mulheres, enquanto indivíduos e das mulheres, enquanto entidade é, via de regra, um grande desafio para pesquisadores. A total ausência de fontes primárias, e até mesmo de documentos oficiais, é agravada à medida em que nossa busca se distancia mais do tempo presente. Os vestígios documentais revelam que o mundo público, sobretudo econômico e político, era destinado aos homens, o que privou as mulheres de frequentarem bancos, câmaras, gabinetes e clubes. Nesse sentido, o que merecia ser conservado e perpetuado era a história dos homens. Conforme esclarece Perrot (2008), “os arquivos públicos calam as mulheres” e a solução para as fontes de pesquisa passa a ser

investigar os arquivos privados, que ancoram os modos de registros das mulheres ligados à sua condição na sociedade e ao seu lugar na família. Sendo assim, as correspondências e os diários íntimos se constituem, a partir do século XIX, nos únicos registros escritos da vida cotidiana e das relações sociais pelo olhar feminino (LEJEUNE; PERROT, 2008).

Para retratar o exercício das mulheres na esfera pública e seus ensaios de diplomacia, faz-se imprescindível recorrer aos manuscritos femininos, sejam cartas ou anotações pessoais, que revelam, dentre outros temas, suas ponderações sobre as experiências de viagens e as presenças em banquetes, além de relatos dos encontros com grandes personalidades da época.

Como representantes dessas práticas femininas, apresentam-se duas importantes figuras da *salonière* nas Américas: as estadunidenses Lillie de Hegermann-Lindencrone e Edith O'Shaughnessy (1868 - 1939). Cumpre destacar, também, que este estudo é ponto de partida para o desvelamento de novos perfis femininos do século XIX, sobretudo na América Latina e especialmente no Brasil. Alguns deles já foram mapeados e requerem observação criteriosa e investigação futura, como as nobres do Império, Condessa de Barral e Marquesa de Itamaraty, além das embaixatrizes, Ana Luísa Carneiro de Mendonça e Teresa de Figueiredo Faria.

3.1. Damas intercontinentais e o exercício da diplomacia

Acompanhando seus respectivos maridos diplomatas, Madame de Hegermann-Lindencrone e a Sra. O'Shaughnessy cumpriram uma intensa agenda de serviços prestados ao governo dos Estados Unidos, além de estabelecerem residência nos mais diversos postos diplomáticos pelos continentes americano e europeu. Ambas tiveram suas correspondências transformadas em livros, no início do século XX, a partir das quais é possível realizar uma análise comparativa das vivências e experiências diplomáticas das embaixatrizes.

Publicado em 1914, "*The sunny side of diplomatic life, 1875-1912*" (cuja tradução inspirou o título deste terceiro item), de Madame Lillie, é um compilado epistolar no qual ela descreve, para sua mãe e sua tia, os inúmeros eventos da corte europeia, servindo a Napoleão III e, posteriormente, que frequentou enquanto embaixatriz.

A jornalista Edith O'Shaughnessy, nascida Edith Louise Coues, foi também biógrafa, roteirista de cinema e esposa do Encarregado de Negócios dos Estados Unidos no México, Nelson O'Shaughnessy. Durante os primeiros anos da Revolução Mexicana, foi testemunha e participante de assuntos políticos à época da presidência de Francisco Madero e Victoriano Huerta. Ela legou duas obras sobre sua jornada no papel de *oficial partner* do diplomata Nelson O'Shaughnessy: *A Diplomat's Wife in Mexico* (1916) e *Diplomatic Days* (1917). A primeira publicação traz na ante capa a descrição: “Cartas da Embaixada Americana na Cidade do México, cobrindo o período dramático entre 8 de outubro de 1913 e o rompimento das relações diplomáticas em 23 de abril de 1914, juntamente com um relato da ocupação de Vera Cruz”. Já o segundo livro cobre os anos de 1911 e 1912, trazendo o seguinte prefácio pela autora:

The letters which form this volume were written in a period of delightful leisure, when I was receiving my first impressions of Mexico. The might and beauty of the great Spanish civilization, set in a frame of exceeding natural loveliness, kindled new enthusiasms, and to it all was added the spectacle of that most passionately personal of human games, Mexican politics. (O'SHAUGHNESSY, 1916)

Ambas as obras compõem um conjunto de cartas destinadas à sua mãe e narram – num modelo que se aproxima de anotações em um diário – o período de serviço diplomático do casal no México, no qual presenciaram as consequências da revolução que destituiu Porfirio Diaz do poder. Para Molly M. Wood (2004),

O'Shaughnessy shares much in common with other women travelers of the late nineteenth and early twentieth centuries, but it is her quasi-official status and professional role as the wife of a diplomat that initially provides us with a new way of thinking about the interactions of gender, class, and the conduct of American foreign relations. (p. 105)

Um dos perfis mais interessantes que permite estabelecer conexões com Edith O'Shaughnessy é o da escocesa Fanny Calderón de La Barca (1804-1882), esposa do primeiro embaixador espanhol no México, o argentino de nascimento Ángel Calderón de La Barca. Um ano após o matrimônio, em 1839, foram enviados em missão especial ao recém independente México, país onde viveram por dois anos. Durante esse período (outubro de 1839 a fevereiro de 1942), Fanny se correspondeu com familiares e amigos, produzindo um grande número de

cartas, das quais 54 foram organizadas e publicadas em 1843 sob o título de “*Life in Mexico, during a residence of two years in that country*” (“A vida no México durante uma residência de dois anos neste país” — ainda sem publicação em português). É bastante provável que grande parte do conteúdo desse livro fora retirada das anotações registradas em diários de Madame Calderón de la Barca (nome sob o qual ela publicou a obra), sendo revisadas e tendo passagens deletadas ou nomes ocultados para evitar causar ofensas às personalidades ainda vivas, conforme esclarece a historiadora June Hahner:

She vividly depicted not only the elite's political dissension and Mexico's instability but also the country's poverty, terrain, festivals, society, mines, haciendas, and banditry. Tales of robberies and murders mingle with expressions of appreciation for Mexican hospitality and human warmth. The turmoil of politics did not extend into the elite's family lives. [...] she gives her uncomplimentary opinions of Mexican servants, details the elaborate festivities and ceremonies held for nuns taking the veil (the fact that she was still a Protestant at this time no doubt affected her perceptions of convent life), depicts foundling hospital nurses and women jailed for murdering their husbands, and sympathetically describes the circumscribed lives of upper-class women in Mexico, including their personal modesty and warmth and the negligible education they received. (1998, p. 45-46)

Teria Edith O’Shaughnessy entrado em contato com essa literatura em algum momento de sua vida? Quais aproximações e distanciamentos poderíamos avaliar ao realizarmos um estudo comparado entre as duas principais escritas realizadas por mulheres embaixatrizes no México, num intervalo de pouco mais de 70 anos? Qual teria sido a repercussão das publicações de Madame Calderón e da Sra. O’Shaughnessy para a opinião pública e especializada? Todos esses questionamentos carecem de pesquisa mais aprofundada, de levantamento de dados, tanto em fontes biográficas e produções acadêmicas quanto em arquivos de periódicos, fundamentação que não caberia nos limites deste artigo. São problematizações que merecem posteriormente uma análise de resultados mais robustos e que podem trazer à luz novas redes de sociabilidade, além de outras compreensões do verdadeiro fazer diplomático dessas mulheres.

É notável, entretanto, que os eventos sociais se revelam sempre com destaque nas narrativas das embaixatrizes, seja nas cartas ou nos registros diários. No intuito de legitimar a relevância dos espaços de interações – banquetes e jantares como cenário de conversações e negociações, bem como da prática diplomática feminina, foi realizado um rastreo no

conteúdo original em língua inglesa dos livros supracitados. A metodologia dessa busca procurou sistematizar a quantidade de referências aos seguintes termos: *banquet, toast, feast, dinner e reception*, organizadas na tabela a seguir já traduzidas em ordem alfabética. Neste artigo optou-se por não catalogar as expressões em francês para tais eventos (*fête, soirée, partie*), a fim de possibilitar seu futuro aprofundamento:

Tabela I

| TIPOS DE EVENTOS | <i>THE SUNNY SIDE OF DIPLOMATIC LIFE</i> | <i>DIPLOMATIC DAYS</i> | <i>A DIPLOMAT'S WIFE IN MEXICO</i> |
|------------------|--|------------------------|------------------------------------|
| Banquete | 2 | 5 | 1 |
| Brinde | 4 | 2 | 0 |
| Festa | 8 | 8 | 7 |
| Jantar | 84 | 96 | 73 |
| Recepção | 24 | 36 | 19 |

Fonte: elaborado pela autora.

É notável que o evento mais citado pelas embaixatrizes nas correspondências são os jantares, seguido das recepções e festas, o que pode determinar uma intensa agenda de compromissos protocolares no exterior. Ao frequentarem tais jantares, que poderiam tomar parte nos mais requintados salões e importantes logradouros políticos ao redor do mundo, as embaixatrizes eram apresentadas a inúmeras autoridades e suas respectivas esposas, com as quais poderiam interagir e demonstrar o domínio de outros idiomas, além de seus repertórios culturais.

Eram conexões interpessoais e oportunidades únicas de participarem do processo diplomático ou a chance de frequentarem os espaços de debate que transcendiam os salões, como congressos internacionais nos quais se discutiam problemas territoriais e decidiam sobre os tempos de guerra e paz (BRUNO, 2022). Madame Lillie, por exemplo, frequentou em 1875 uma recepção na Casa Branca, Washington, residência oficial dos presidentes estadunidenses, e registrou suas impressões em carta para sua mãe:

I was officially presented on their reception days to the wives of all the Ministers, and made my visits to the members of the Corps Diplomatique. We were invited to dinner at the White House — a dinner given to the Corps Diplomatique. I was taken in by M. de Schlozer, the German Minister, and sat between him and Sir Edward Thornton (the English Minister), who sat on the right of Mrs. Grant. We were opposite to the President. (1914, p. 6)

Observa-se nas palavras de Lillie que o código de etiqueta desses jantares obedecia, via de regra, aos serviços à francesa ou à inglesa, no qual os lugares à mesa eram posicionados por porta-cartões com os nomes dos convidados. Isso evitaria situações constrangedoras entre possíveis inimizadas, mas também mesclava os casais para promover novas conversações e interações, a depender da disposição do conviva vizinho. A Sra. Hegermann-Lindencrone fez questão de descrever suas posições na mesa de jantar e, na sequência da carta, deduz que o Sr. Grant, Presidente dos Estados Unidos, não consumiria bebida alcoólica, pois virou suas taças de cabeça para baixo. Tal observação corrobora com a ideia de preocupação com o exagero etílico, já citada no subitem 2.1 deste estudo, que culminou na proibição por completo do consumo de bebidas alcoólicas em banquetes e jantares pela subsequente primeira-dama, a Sra. Lucy Hayes, ocupante da Casa Branca no ano seguinte, em 1876.

Outro dado interessante recolhido em uma das cartas de Madame Lillie à sua tia é a pitoresca narrativa a respeito da visita do Imperador do Brasil, D. Pedro II, à capital estadunidense, acompanhado da Imperatriz Tereza Cristina. Pela leitura do texto, podemos conferir o interesse universal do regente por absolutamente tudo, bem como sua popularidade no exterior.

I forgot to tell you that the Emperor and Empress of Brazil are here “doing” Washington — doing it so thoroughly that they have almost overdone it. The Brazilian Minister is worn out. Every day he has a dinner and an entertainment of some kind. The Emperor wants to see everything and to know everybody. No institution is neglected, and all the industries are looked into thoroughly. He goes to the Senate very often and sits through the whole stance, wishing to understand everything. He always tries to get hold of the people who can give him the most information on any subject. Dom Pedro is most popular; one sees him everywhere. At the ball at the English Minister's for their Majesties, a gentleman presented to the Empress said, “Je suis le Sénateur qui parle français.” The Empress said to Johan, “I beg of you to keep near me and talk to me so that the “Sénateur qui parle français” may be discouraged in his pursuit.” (1914, p. 12)

É evidente que o casal Hegermann-Lindencrone frequentou o mencionado baile do Primeiro-Ministro inglês, o conservador Benjamin Disraeli, oferecido em homenagem ao casal imperial do Brasil, em 1876. Isso reflete a bem-sucedida carreira na diplomacia do representante da Dinamarca nos Estados Unidos, M. Johan de Hegermann-Lindencrone, certamente alicerçada também nas competências de sua esposa, Lillie. Segundo ela própria, era próxima de várias casas reais de sua época, sendo amiga de Christian IX da Dinamarca e sua Rainha Louise de Hesse-Kassel; Umberto I da Itália e sua Rainha Margherita de Savoia, Oscar II da Suécia e sua Rainha Sofia de Nassau, além dos muitos descendentes e parentes dessas famílias (LAURIÈRE, 1938).

Embora não seja o objetivo primordial deste estudo, existem relatos e anotações extremamente valiosos para uma possível análise do discurso e da história do pensamento, como a seguinte fala durante um dos momentos de brinde, em uma recepção oferecida pelos Hegermann-Lindencrone, provavelmente entre março e abril de 1879:

Mr. Brooks, of Cambridge, made his Fourth-of-July oration at our soirée on Thursday. This is the funniest thing I have ever heard. Mr. Evarts almost rolled off his seat. It is supposed to be a speech made at a Paris fête on the Fourth of July, where every speaker got more patriotic as the evening went on. The last speech was the climax: "I propose the toast, 'The United States'! — bordered on the north by the aurora borealis; on the east by the rising sun; on the west by the procession of equinoxes; and on the south by eternal chaos!" (1914, p. 79)

Madame Lillie revela, nesse pequeno trecho, sua argúcia e seu espírito animado, ao destacar um discurso irônico sobre a posição geográfica dos Estados Unidos. Entretanto, ao se analisar o círculo de figuras importantes do cenário político-econômico internacional pelo qual ela transitou, faz-se necessário problematizar seu próprio entendimento sobre o papel diplomático que desempenhara junto ao marido embaixador. Em uma afirmativa impressionante destacada entre travessões a seguir, ela confia à sua tia sobre uma festividade regada à champagne:

Then another entertainment, a sort of mardi-gras maigre feast, was a champagne tea given for us at the Capitol by Mr. Blaine. He had invited a great many of the Senators and the Ministers, his wife, and some other ladies. These mighty people talked politics and had prodigious appetites. Sandwiches and cake disappeared in a hazy mist, and they drank oceans of champagne. They took cocktails before, during, and after! I amused myself — **as I can't talk politics, and would not if I could** — by noticing the ingenuity and variety of the spittoons placed about in convenient spots. (1914, p. 11, grifo nosso)

Madame Lillie é contundente em afirmar “não posso falar de política, e se pudesse, não o faria”. Por meio dessa sentença se percebe uma estrutura ideológica permeando o discurso, que demarca a única esfera de atuação possível para a mulher: a doméstica. Embora Madame Lillie reconhecesse suas atribuições enquanto esposa como instrumentos da diplomacia — “... *laying my diplomatic body down to rest*” (1914, p. 9) —, há uma delimitação simbólica que a proíbe de ocupar a esfera pública e falar de política. Como se seu ‘corpo diplomático’ atuasse sempre no âmbito privado, aquele dos bastidores dos salões.

Por qual motivo Madame Hegermann-Lindencrone afirmava que mesmo que pudesse falar de política, não o faria? Uma hipótese seria seu contexto de vida e educação: ela frequentou a universidade, porém teve o apoio de sua mãe para estudar canto em Londres, pois era dona de uma bela voz, de acordo com seu biógrafo Laurière. De Londres, partiu para a França a fim de se dedicar ao teatro, onde conheceu seu primeiro esposo, Charles Moulton, banqueiro estabelecido, músico e compositor nas horas vagas, nas palavras de Anna Lillie. Evidentemente, seus assuntos de interesse envolviam a música, principalmente os famosos compositores contemporâneos, com os quais mantinha contato, incluindo Richard Wagner, Franz Liszt e Gioacchino Rossini.

No mundo masculino do século XIX, as atribuições públicas se confundem, pois a carreira diplomática tem origem em nomeações de confiança para a representação de chefes de estado, reis e imperadores, ou lideranças políticas. Um embaixador bem-sucedido dependia de suas boas maneiras e habilidades pessoais de negociação, num modelo de diplomacia europeu que remonta ao século XV (BLACK, 2010).

Entretanto, no mundo feminino, não era permitido cruzar a linha imaginária que dividia a atuação das mulheres, ou limitava as temáticas sobre as quais poderiam conversar em reuniões. Ainda assim, as incumbências das embaixatrizes eram parte de um fazer político, mesmo que elas próprias não se conscientizassem desse papel. As “embaixadoras culturais” se enquadram perfeitamente sob a ótica do historiador Jeremy Black (2010), na qual a prática da diplomacia também reside na abertura de espaços para o intercâmbio cultural e a coleta de informações necessárias para o governo.

Não obstante a postura apolítica de Madame Lillie, no entender dela própria, destaca-se no meio diplomático também dos Estados Unidos, a embaixatriz e jornalista Edith O'Shaughnessy. Seus manuscritos e correspondências estão entremeados de descrições do vestir e das combinações de joias e adereços dela e das demais esposas com as quais interagiu. Porém, não era somente esse retrato de uma elite que fazia parte das observações de Edith. Ela redigia verdadeiras reportagens sociais e políticas em suas cartas, utilizando-se inclusive de termos em espanhol, narrando em detalhes conversas com autoridades diplomáticas, com líderes revolucionários e... com outras mulheres!

A expressão *talking politics* (falar de política) aparece diversas vezes nas suas duas publicações da segunda década do século XX, *A Diplomat's Wife in Mexico* e *Diplomatic Days*. As narrativas transparecem ser algo absolutamente natural para a Sra. O'Shaughnessy, haja visto que seu marido estava servindo como Secretário de Negócios do Exterior dos EUA no México, justamente após estourar a Revolução Mexicana, em 1910. Entre chás da tarde, passeios, jantares, idas ao teatro e recepções, Edith compõe suas crônicas epistolares, demonstrando habilidade social ao identificar se o momento era ou não favorável para 'falar de política'. No trecho a seguir, acerca de um almoço militar na presença do general francês Aldebert de Chambrun e do embaixador Wilson, ela descreve um ambiente propício para tal:

She [Mrs. Wilson] was looking very handsome in her mourning garments, and De C. pronounced her decidedly ambassadorial. We then wound up at the French Legation, sitting for an hour in Mr. Lefaivre's book-filled study, warmed by a well-behaved little oil-stove, fingering volumes of past poets, and talking present politics. (1917, p. 223)

Todavia, comparecendo a um jantar em dezembro de 1913, ela percebeu que o clima não estava favorável para debates mais politizados. Cuidou de descrever as posições dos convidados à mesa, registrando que estava de frente para o almirante britânico Sir Christopher Cradock:

Sir C, just opposite to me, was glistening with decorations and shining with the special, well-groomed, English look. I asked him if he hadn't been afraid to come over the rebel-infested mountains with so much temptation on his person. He answered, as a forceful, sporting look came into his eyes, "They wouldn't get the chance to keep anything of mine!"
It is impossible to talk politics; things are too delicate and I imagine we all have rather a shifty look in the eye at the remotest mention of la situacion. I can see,

however, that Sir C. has been impressed by Huerta, and would probably have liked to tell him to "keep it up". (1916, p. 73)

As preocupações políticas da Sra. O'Shaughnessy podem ser analisadas por meio do relato sobre um banquete em homenagem ao embaixador norte-americano no México, que ocorreu em 13 de setembro de 1911. Os discursos proferidos no momento do brinde ganharam sua especial atenção e opinião:

Last night a huge banquet in honor of the ambassador given by the leading male American citizens. The consuls all over Mexico sent telegrams of congratulation, and Mr. Wilson made one of his accustomed polished and trenchant speeches. Mr. Hudson's toast (he is the clever editor of the Mexican Herald, that no breakfast is complete without) was to "Mexico present and future." It was not more optimistic than the occasion required, but certainly more so than the actual situation warrants. He did touch on the most vital question, as to whether the results of the election will be peaceably accepted by the people, and hoped they would recognize the necessity of abiding by the result of the polls next month. All sorts of political shades are appearing. It isn't just one solid Madero color, as it was four months ago. (1917, p. 136)

Assim como Madame Hegermann-Lindencrone, a Sra. O'Shaughnessy tratou de registrar algumas conexões com o Brasil, mencionando detalhes de bastidores acerca das relações entre os governos brasileiro e estadunidense. No trecho selecionado, o cenário é novamente um jantar, que ela apelidou de "festa do amor", em 26 de abril de 1914, ocorrido durante a ocupação dos Estados Unidos em Vera Cruz, azedando de vez as relações diplomáticas com o governo de Victoriano Huerta.

You can imagine the love feast that followed as we went down to dinner. We were proceeding with a very nice piece of mutton [...] when a telegram came—I think from Spring-Rice. Anyway, the four Englishmen read it and looked rather grave. After a pause Sir Christopher said, "They might as well learn it from us." What do you think that telegram contained? The news that American interests had been transferred from Sir Lionel's hands into those of Cardoza, the Brazilian minister! Of course I said to Sir Christopher, "Our government very naturally wants to compliment and sustain good relations with South America, and this is an opportunity to emphasize the fact," but it was rather a damper to our love feast. (1916, p. 318-319)

É notável que Edith opinasse sobre as decisões do seu governo, como a escolha de um ministro brasileiro para representar os interesses estadunidenses com o intuito de manter as boas relações com a América do Sul. Observações e reflexões como essa aparecem em amplitude nas suas narrativas, mas também havia disponibilidade para relatar em minúcias a

curiosa ida à região de Tubacaya, uma comunidade indígena, para ver uma operação de tuberculose, provavelmente pioneira, executada por um médico brasileiro atuando no México, em dezembro de 1913.

Os relatos em tom jornalístico de Edith O’Shaughnessy constituem importantes documentos sobre a vida cotidiana de um casal de diplomatas servindo no exterior, no início da década de 1910. Ainda, essas crônicas contemplam registros históricos e a atuação de diferentes personagens, desde chefes de estado, presidentes e imperadores, embaixadores, nobres e militares de alta patente, até suas famílias e esposas, inseridas no contexto das recepções nas quais as redes de sociabilidade tomavam forma.

As cartas e diários das embaixatrizes aqui estudadas demonstram perfis narrativos distintos e elaborações pessoais dos acontecimentos e eventos que presenciaram, dando enfoques diferentes aos aspectos sociais e culturais dos encontros e reuniões entre seus respectivos círculos de relacionamento. Também representam de modo diverso as relações que traçaram com os países e cidades que visitaram ou onde estabeleceram residência.

É possível, ainda, perceber uma predileção de Lillie pelos eventos culturais, ou seja, o “lado ensolarado” da diplomacia transparece nas páginas de seu livro por meio de uma linguagem mais teatral, cuidadosa na descrição de vestuários, lugares e reações dos personagens. Ao passo que as crônicas de Edith são verdadeiros editoriais jornalísticos, incluindo notas de rodapé explicativas que foram acrescentadas posteriormente para a publicação do livro. No entanto, após a análise deste artigo, nota-se que os manuscritos de ambas compartilham da mesma lógica narrativa, evidenciando os jantares e recepções, bem como as interações entre as mais distintas personalidades, compondo um incrível mosaico de memórias e percepções de suas experiências diplomáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo preliminar foi apresentar a relevância dos eventos sociais e políticos como pano de fundo para o exercício de uma diplomacia não oficial feminina, vivenciada pelas esposas de embaixadores e representantes de Estado no exterior. Como primeira etapa metodológica, um levantamento inicial realizado em fontes periódicas do final do século XIX e início do XX evidenciou notas e relatos sobre banquetes, jantares e recepções

oferecidos em diferentes ocasiões, envolvendo grupos políticos e de elite em diversos países do continente americano.

Num segundo momento, procurou-se identificar possíveis perfis de embaixatrizes que, de algum modo, legaram registros de experiências diplomáticas, ainda que estes não fossem propositalmente compreendidos por elas como tais. Esse mapeamento teve por fundamentação teórica uma literatura especializada na nova história cultural da diplomacia e pesquisas recentes que reposicionaram o papel das mulheres na história das relações internacionais.

Dentre os diversos perfis possíveis de serem investigados a fundo, foram selecionados os de Madame Hegermann-Lindencrone e de Edith O'Shaughnessy, cujas correspondências publicadas no início do século XX revelaram uma intensa participação na vida diplomática dos respectivos esposos plenipotenciários. Eventos de viagens, mudanças de entrepostos diplomáticos, jantares, passeios e encontros com as mais diversas personalidades, fossem nobres, artistas renomados ou políticos importantes, estão registrados nas páginas de suas publicações. Futuramente, pretende-se voltar o olhar ao pensamento dessas escritoras e seus discursos, numa proposta analítica mais aprofundada que possibilite desvendar a mentalidade e as ideologias do contexto histórico em que viveram.

Madame Lillie e Edith O'Shaughnessy são representantes de uma recém consolidada categoria de análise da nova história diplomática, as “embaixadoras culturais”. Esse novo paradigma dispõe de uma ótica específica sobre a atuação das esposas, filhas e demais mulheres na família como mediadoras em negociações de Estado e decisões político-econômicas envolvendo as missões de seus maridos diplomatas.

Do mesmo modo, este artigo não representa um fim em si mesmo e propõe que futuras pesquisas sejam realizadas para examinar e desvelar novos preceitos acerca das vivências diplomáticas de nomes de mulheres brasileiras e sul-americanas relevantes para a história, já assinalados aqui anteriormente e outros, que certamente surgirão no decorrer das investigações.

Ainda e sobretudo, deseja-se que a história da diplomacia feminina, incipientemente aqui abordada, possa contribuir com novos estudos e propostas que busquem analisar a relevância das mulheres do passado, que ensaiaram seus primeiros passos numa tentativa de atuação na

esfera pública, inspirando e movimentando a sociedade atual na tentativa de minimizar a desigualdade de gênero, seja nos espaços diplomáticos, de tomadas de decisão ou de manifestação de poder.

Fontes

CORREIO PAULISTANO, “Banquetes”, São Paulo, num. 22217, p. 5, 03 de junho de 1925.

HEGERMANN-LINDENCRONE, Lillie de. **The sunny side of diplomatic life (1875-1912)**. New York, NY: Harper & Brothers Publishers, 1914.

IMPRESA YTUANA, “Fallecimento”, Itu, ANNO XIV, Num. 486, capa, 13 de outubro de 1889.

O'SHAUGHNESSY, Edith (1916). **A Diplomat's Wife in Mexico**. New York, NY: Harpers & Brothers Publishers.

O'SHAUGHNESSY, Edith (1917). **Diplomatic Days**. New York, NY: Harper & Brothers Publishers.

Referências Bibliográficas

AGGESTAM, Karin; TOWNS, Ann E (2018). **Gendering Diplomacy and International Negotiation**. Cham, Switzerland: Springer Nature.

AGGESTAM, Karin; TOWNS, Ann E (2019). The gender turn in diplomacy: a new research agenda. *International Feminist Journal of Politics*, v. 21, n. 1, p. 9–28. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14616742.2018.1483206>. Acesso em 30 abr. 2024.

ARAÚJO, Nara. Verdad, poder y saber: escritura de viajes femenina. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 1009–1029, set. 2008.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **O livro das noivas**. São Paulo: Castorino Mendes, 1929.

BERMEO, Nancy e NORD, Philip. Civil Society Before Democracy: Lessons from Nineteenth Century Europe. **Oxford, USA: Rowman & Littlefield Publishers, 2000**.

BLACK, Jeremy. **A history of diplomacy**. Wiltshire, Grã-Bretanha: Cromwell Press Group, 2010.

BORREGO, Maria Aparecida de Menezes e ABRAHÃO, Eliane Morelli. Cardápios e banquetes na Primeira República: notas sobre a curadoria de uma exposição. **Revista Ingesta**.

São Paulo, v.1. n.1, mar. 2019. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/revistaingesta/article/view/151683/151755>. Acesso em 25 out. 2022.

BRETT, Peter. **Political Dinners in Early Nineteenth-Century Britain**: Platform, Meeting Place and Battleground. Oxford, UK: Blackwell Publishers, 1996.

BRUNO, Paula; PITA, Alexandra y ALVARADO, Marina. **Embajadoras culturales: mujeres latinoamericanas y vida diplomática, 1860-1960**. Rosario, Arg.: *Prohistoria Ediciones*, 2022.

CALDERÓN DE LA BARCA, M. **Life in Mexico: Autobiographical Account**. Mosaic Books, 2020.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. Gênero e artefato. **O sistema doméstico na perspectiva da cultura material - São Paulo, 1870-1920**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.

COOPER, Dana Calise. **Informal Ambassadors: American Women, Transatlantic Marriages, And Anglo-American Relations, 1865-1945**. (Tese de doutorado). Texas Christian University, USA, 2006.

ELSNER, Jaś e RUBIÉS, Joan-Pau. **Voyages and visions. Towards a Cultural History of Travel**. London, UK: Reaktion Books, 1999.

FARIAS, Rogério de Souza. “Do You Wish Her to Marry?” Brazilian Women and Professional Diplomacy, 1918–1938. **Diplomacy & Statecraft**, v. 28, n. 1, p. 39–56, 2 jan. 2017.

HAHNER, June E. (1981). **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense.

HAHNER, June E. (1998). **Women through women’s eyes: Latin American women in nineteenth-century travel accounts**. Washington, EUA: SR Books.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Princípios da Filosofia do Direito (1821)**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HOPKINS, Callie. **Lucy Hayes, Temperança e a Política da Mesa de Jantar da Casa Branca** (2018). Disponível em:
<https://www.whitehousehistory.org/lucy-hayes-temperance-and-the-politics-of-the-white-house-dinner-table>. Acesso em 04 dez. 2022.

ISMÉRIO, Clarisse. **Mulher: a moral e o imaginário (1889 – 1930)**. 2.ed. Bagé: Ediurcamp, 2019.

DE LAURIÈRE, Y. H. **Une Américaine à la cour de Napoléon III**. Paris: Calmann-Lévy, 1938.

NICHOLAS, Kathryn A. **Reexamining Women’s Nineteenth-Century Political Agency: School Suffrage and Office-Holding**. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0898030618000179>. Acesso em 30 out. 2022.

PERROT, Michelle (1998). **Mulheres públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.

PERROT, Michelle (2005). **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC.

ROSENBERG, EMILY S. “Walking the Borders.” **Diplomatic History**, vol. 14, no. 4, 1990, pp. 565–73. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24912064>. Acesso em 14 fev. 2024.

TOWNS, Ann E. **Women and States. Norms and Hierarchies in International Society**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010.

WOOD, Molly M (2004). A diplomat’s wife in Mexico: Creating professional political, and national identities in the early twentieth century. **A Journal of Women Studies**, v. 25, n. 3, p. 104–133.

WOOD, Molly M. (2015). Wives, clerks, and “lady diplomats”: The gendered politics of diplomacy and representation in the U.S. foreign service, 1900-1940. **European journal of American studies**, v. 10, n. 1, mar..